

Etnobotânica do Candomblé em Santa Catarina: um estudo do estado da arte

Flávia Koch

Universidade da Região de Joinville - Univille

Denísia Martins Borba

Universidade da Região de Joinville - Univille

João Carlos Ferreira de Melo Júnior

Universidade da Região de Joinville - Univille

Etnobotânica do candomblé em Santa Catarina: um estudo do estado da arte

Resumo:

Para as comunidades tradicionais de matriz africana, a natureza e as divindades estão diretamente relacionadas, pois a natureza conecta o mundo material com o imaterial/sagrado. Segundo os valores dessas comunidades, as plantas são detentoras do *âse* (poder universal), fundamental para a conexão entre humanos e as divindades. Partindo de tais premissas, a presente pesquisa objetivou registrar as espécies vegetais utilizadas pelas comunidades tradicionais de matriz africana em Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa do tipo Estado da Arte, que teve como método de busca o uso de palavras-chave nos portais de periódicos EBSCO, CAPES, SciELO e Web of Science, extraíndo-se informações relativas ao uso botânico de espécies da Mata Atlântica ou nela introduzidas por essas comunidades. A pesquisa resultou em 111 artigos e 7 teses e dissertações pertinentes à temática aqui tratada. O levantamento das plantas usadas pelas comunidades tradicionais resultou em 49 espécies botânicas presentes em Santa Catarina. Destas, 10 são nativas, 16 naturalizadas e 23 cultivadas, o que reflete o pouco uso de espécies nativas da Mata Atlântica em meio à sua elevada diversidade florística. Analisou-se os usos dessas espécies, atentando-se às famílias botânicas mais citadas pelas comunidades em suas práticas rituais. Foi constatado um vasto conhecimento botânico dessas comunidades sobre a flora catarinense, o qual pode ser, por meio da união dos saberes popular e científico, importante ferramenta para a proteção do bioma atlântico e da identidade cultural das comunidades de matriz africana.

Palavras-chave: Etnobotânica; Candomblé; Mata Atlântica; Santa Catarina; Patrimônio Cultural.

Etnobotánica del candomblé en Santa Catarina: un estudio del estado del arte

Resumen:

*Para las comunidades tradicionales de origen africano, la naturaleza y las deidades están directamente relacionadas, ya que la naturaleza conecta el mundo material con lo inmaterial/sagrado. Según los valores de estas comunidades, las plantas son poseedoras del *âse* (poder universal), fundamental para la conexión entre los humanos y las deidades. La presente investigación tiene como objetivo registrar las especies de plantas utilizadas por las comunidades tradicionales de origen africano en el estado de Santa Catarina. Se trata de una investigación de vanguardia que utilizó palabras clave en los portales de revistas EBSCO, CAPES, SciELO y Web of Science para extraer información sobre el uso botánico de especies de la Mata Atlántica o introducidas en ella por estas comunidades. Se encontraron 111 artículos y 7 tesis y disertaciones relevantes al tema aquí discutido. El estudio de las plantas utilizadas por las comunidades tradicionales reveló 49 especies botánicas presentes en Santa Catarina, de las cuales 10 son nativas, 16 naturalizadas y 23 cultivadas, lo que refleja el bajo uso de especies nativas de la Mata Atlántica a pesar de su alta diversidad florística. Se analizaron los usos de estas especies, prestando atención a las familias botánicas más citadas por las comunidades en sus prácticas rituales. Se encontró un amplio conocimiento botánico de estas comunidades sobre la flora de Santa Catarina, el cual, a través de la unión del conocimiento popular y científico, puede ser una herramienta importante para la protección del bioma atlántico y la identidad cultural de las comunidades de origen africano.*

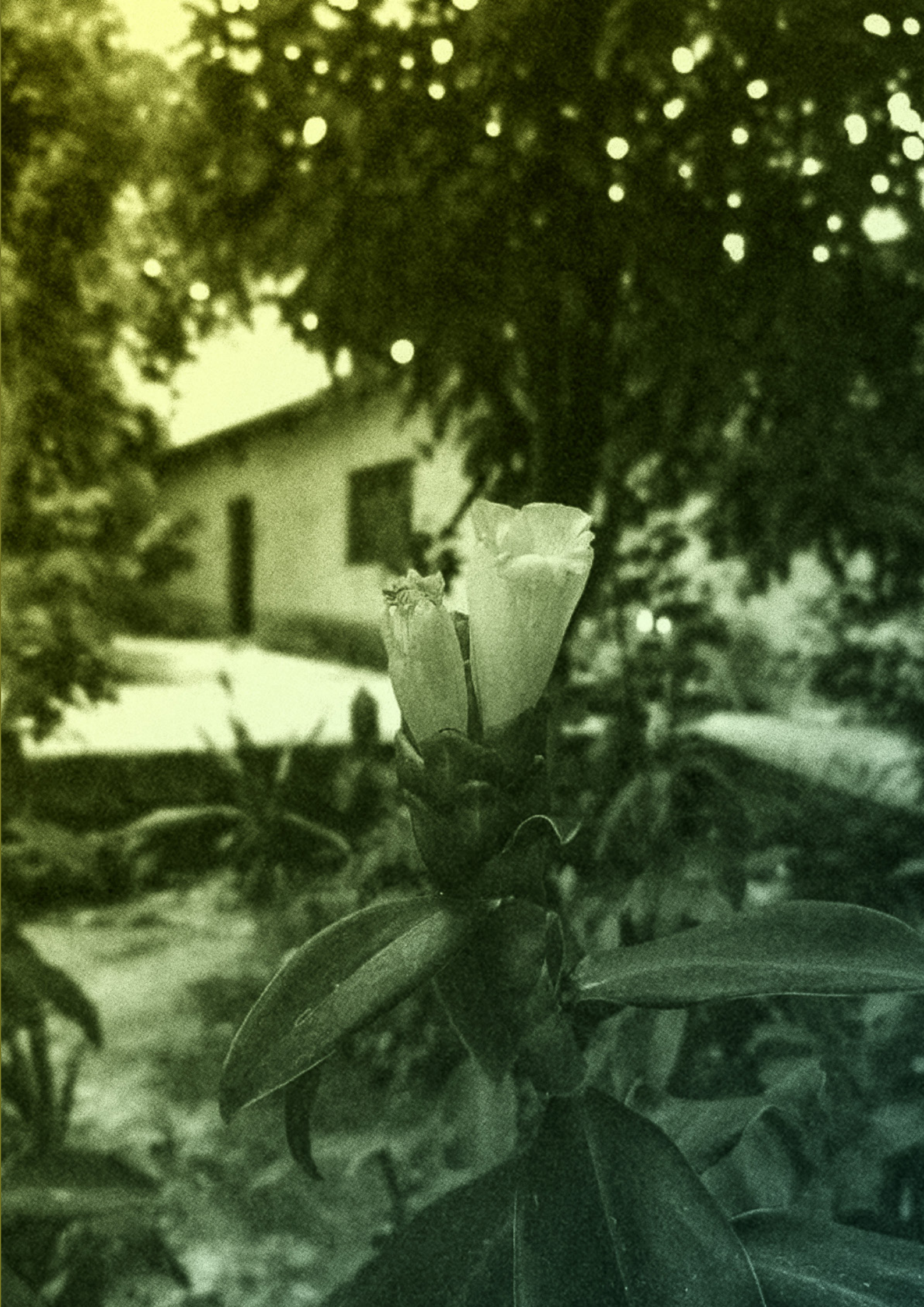
Palabras clave: Etnobotánica; Candomblé; Bosque Atlántico; Santa Catarina; Patrimonio cultural.

Ethnobotanics of candomblé in Santa Catarina: a state of the art study

Abstract:

For traditional communities of African origin, nature and deities are directly related, as nature connects the material world with the immaterial/sacred. According to the values of these communities, plants are holders of the àse (universal power) that is fundamental for the connection between humans and the deities. Based on these premises, the present research aimed to record the plant species used by traditional communities of African origin in Santa Catarina. This is state-of-the-art research, which had as a search method the use of keywords in the portals of EBSCO, CAPES, SciElo and Web of Science journals, extracting information related to the botanical use of species from the Brazilian Forest. Atlantic Ocean or introduced into it by these communities. The research resulted in 111 articles and 7 theses and dissertations relevant to the theme discussed here. The survey of plants used by traditional communities resulted in 49 botanical species present in Santa Catarina. Of these, 10 are native, 16 naturalized and 23 cultivated, which reflects the little use of native species of the Atlantic Forest during its high floristic diversity. The uses of these species were analyzed, paying attention to the botanical families most cited by the communities in their ritual practices. It was found a vast botanical knowledge of these communities about the flora of Santa Catarina, which can be, through the union of popular and scientific knowledge, an important tool for the protection of the Atlantic biome and the cultural identity of the communities of African origin.

Keywords: Ethnobotany; Candomblé; Atlantic Forest; Santa Catarina; Cultural heritage.





Introdução

O conceito de comunidades tradicionais foi desenvolvido no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) que presidiu, de 2007 a 2019, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais (CNPCT), criada pelo Decreto de 27 de dezembro de 2004 e reformulada pelo Decreto de 13 de julho de 2006. Nesse período, foi promulgado o Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). A PNPCT foi criada em um contexto que visou o reconhecimento e a preservação de formas de organização social, distintas daquelas comuns às culturas ocidentais, por parte do Estado. Entre os grupos alvos da PNPCT, observam-se as comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro, alvo dessa pesquisa.

Na visão das comunidades tradicionais de matriz africana, não há separação entre divindades e natureza, pois o ambiente natural é o responsável por conectar o mundo material em que vivemos com o mundo imaterial e sagrado Barros (2015). Em todos os rituais de matriz africana são utilizadas plantas que, segundo as crenças dos integrantes dessas comunidades, são as detentoras do òse (poder universal), fundamental à conexão entre das divindades de qualquer panteão de origem africana (VERGER 2002; CORREIA, 2019 e BORBA et al. 2020).

Entretanto, na diáspora, que se deu de forma forçada, o uso de espécies da flora pelas comunidades tradicionais de matriz africana passou por um processo de adaptação e ressignificação das espécies em relação à flora existente no continente africano. A utilização de plantas nos rituais de matriz africana se dá por meio de saberes mítico-rituais que fundamentam os cultos de cada um dos Òrìsà.

Em se tratando do uso litúrgico das plantas, observa-se uma variação de espécies conforme a região geográfica brasileira, bem como à nação¹ que cada terreiro se vincula. Entretanto, uma questão todas as nações têm em comum, qual seja, a de que a floresta é um território sagrado por se tratar do habitat de várias divindades.

Seguindo as narrativas existentes sobre a importância das florestas para as comunidades tradicionais de matriz africana (VERGER, 2002; BARROS, 2015; BORBA, 2020 e MELO JR. et al., 2021), chegou-se à etnobotânica como área do conhecimento que estuda a relação entre o homem e a natureza, bem como o seu uso como recurso (ROCHA, 2015). Como uma ciência interdisciplinar que abrange estudos botânicos e antropológico-culturais, a etnobotânica possibilita a investigação dos vínculos entre o natural, (floresta atlântica) e o simbólico, (comunidades tradicionais de matriz africana) observando os costumes, ritos e crenças (DE ALBUQUERQUE, 2005). Por meio da etnobotânica é possível que diferentes áreas do conhecimento dialoguem, com o objetivo de gerar novos conhecimentos, e contribuir para a aproximação dos saberes tradicionais e científicos, criando soluções que possam beneficiar coletivamente a academia e as comunidades tradicionais (ROCHA, 2015).

A pesquisa previu o envolvimento das pesquisadoras, no contexto das comunidades pesquisadas, definidas como colaboradoras, observando sua realidade e registrando as informações sobre a relação dos pesquisados com as plantas.

¹ Segundo Gonçalves (2005), as nações, para as comunidades de matriz africana, distinguem diferentes formas de culto praticadas nos terreiros brasileiros e podem ser identificadas pelos idiomas falados nos rituais, a forma de tocar os atabaques a liturgia, entre outras características. A nação normalmente indica a região de onde vieram os ancestrais e as divindades com que cada comunidade se identifica.

Sob essa perspectiva, as comunidades tradicionais de matriz africana correlacionam-se à Etnobiologia e à Etnobotânica realizando seus rituais com os recursos vegetais, evidenciados pelas várias aplicações ritualísticas, litúrgicas, medicinais e alimentícias, depositando valor espiritual às plantas (SILVA et al., 2012; ALVES et al 2019). O convívio dessas comunidades nos arredores da floresta permite o uso da vasta biodiversidade da Mata Atlântica proporcionando qualidade de vida e saúde ao público que recorre e acredita nos conhecimentos tradicionais, o que contribui para a manutenção e proteção da vegetação (GOMEZ, 2016).

Pesquisar sobre a flora de uso ritual utilizada pelas comunidades tradicionais de matriz africana no estado de Santa Catarina é possibilitar a produção de conhecimento sobre o valor simbólico, ritualístico e de seu uso cotidiano. A sacralidade de espécies florísticas, presente na Mata Atlântica, reconhecida pelas comunidades tradicionais de matriz africana (VERGER, 1995; BARROS, 2015) possibilita o reconhecimento farmacológico de espécies.

A pesquisa visa compreender como as comunidades tradicionais de matriz africana têm garantido o acesso às áreas de floresta para coleta de plantas ritualísticas e quais são as espécies utilizadas nos rituais, em seus ilé, para então identificar se essas espécies são encontradas na Mata Atlântica, no território de Santa Catarina, ampliando o campo de conhecimento sobre o uso da diversidade florística do Estado e sua potencialidade nos aspectos alimentícios, ritualísticos e medicinais do Candomblé, segundo os pressupostos da etnobotânica (DE ALBUQUERQUE, 2002; TOLEDO BARRERA-BASSOLS, 2015).

Material e Métodos

Delimitação das comunidades de matriz africana

Ressalta-se que em Santa Catarina o bioma é composto pela Mata Atlântica, que segundo a Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006, é definida pelas formações florestais nativas (Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual), e pelos ecossistemas a elas associados (como manguezais, vegetação de restinga, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste). Esse bioma abriga uma vasta diversidade florística, e dada a essa diversidade é considerada patrimônio natural, no qual estima-se a existência de aproximadamente 20 mil espécies vegetais, o que corresponde a 35% do total de espécies existentes no Brasil (BRASIL, 2006; SOSMA, 2021; INPE, 2019; MAM, 2020). Segundo estudos e relatórios apresentados pelas instituições SOSMA e INPE (2019), o Estado de Santa Catarina tem 28% do seu território coberto pela Mata Atlântica, perfazendo 2.756.178 hectares. No que se refere aos estudos da flora existente na Mata Atlântica, a etnobotânica é uma vertente teórica que contribui para a compreensão sobre a relação existente entre os vegetais e as sociedades humanas, em especial as comunidades tradicionais de matriz africana, contribuindo na criação de um acervo do conhecimento científico, do qual será a referência para a pesquisa sobre a relação das comunidades tradicionais de matriz africana com a Mata Atlântica em Santa Catarina.

No estado de Santa Catarina, desde 2018, vem sendo identificadas várias comunidades tradicionais, cuja territorialidade de matriz africana têm suas práticas rituais associadas ao uso tradicional da flora da Mata Atlântica, com destaque para as comunidades de matriz africana (MELO JÚNIOR et al., 2021).

A sacralidade da floresta para as comunidades de matriz africana perpassa várias conexões e ressignificações que vão desde a utilização desse território para seus rituais; estabelecer a comunicação e comunhão com suas divindades (BORBA et al., 2020), bem como assegurar

pertencimento e reconectar com sua ancestralidade. Sendo assim, é no território da floresta que essas comunidades tradicionais identificam as plantas e identificam as possibilidades de usos diversos, que podem estar ligados à alimentação, à medicina e ao uso litúrgico, o que pressupõe uma dedicada pesquisa para a identificação das propriedades mágicas.

A etnobotânica como princípio teórico-metodológico

Coleta de dados

Buscou-se, por meio de pesquisas bibliográficas em bases de dados científicos, produções de diversas áreas do conhecimento que tivessem como temática a Etnobotânica de religiões de matriz africana.

Este é um estudo do tipo “estado da arte”, que consiste no mapeamento e análise da produção científica de diferentes áreas do conhecimento, relativos à floresta como território sagrado das comunidades tradicionais de matriz africana, tendo como recorte a Mata Atlântica de Santa Catarina. O estudo buscou apreender os destaques sobre a temática, em um recorte temporal (FERREIRA, 2002), compreendendo o caráter documental, possibilitado pela pesquisa de estado da arte, que têm como objetivo analisar os principais pressupostos teóricos contidos nas publicações selecionadas, avaliando-as como fontes estáveis de conhecimento e informações que auxiliam na elaboração de cenários expressivos sobre as temáticas (ROMANOWSKI & ENS, 2006).

A pesquisa visa contribuir com as áreas de conhecimento relativas às comunidades tradicionais de matriz africana, no que se refere ao uso de recursos naturais provenientes da floresta atlântica imprescindíveis à realização de seus rituais, e às políticas de proteção das florestas como patrimônio natural e cultural. Assim, foram analisadas pesquisas concluídas e publicadas por acadêmicos de diferentes áreas, procurando salientar o conhecimento já produzido sobre os temas supracitados. Identificou-se, qualitativa e quantitativamente, o alicerce e atual estado do conhecimento sobre os patrimônios culturais, naturais, e comunidades de matriz africana, e suas ligações com as florestas, especialmente com o bioma Mata Atlântica, considerando os 28% do seu território de Santa Catarina coberto pela Mata Atlântica.

Foram selecionadas, nas três etapas da pesquisa, produções escritas em português, espanhol, inglês e francês. Escolheu-se a busca booleana, usando os operadores “e” e “ou” para a combinação das palavras-chave. As palavras-chaves foram: afro-brasileiro, afro diáspora, ancestralidade, biologia, Candomblé, Santa Catarina, comunidades de terreiro, religiões de matriz africana, diáspora, etnobiologia, intolerância religiosa, identidade religiosa, laicidade, laicidade do estado, matriz africana, memória, patrimônio cultural, patrimônio natural, política pública, racismo, racismo religioso, rituais, religião, terreiro, urbanismo, plantas, plantas medicinais, etnobotânica, folhas, regiões de Mata Atlântica e as combinações religião “e” afro-latino americanos; Candomblé “e” religião; Candomblé “e” Brasil; Candomblé “e” Santa Catarina; Candomblé “e” expansão urbana; história “e” religião; história “e” inclusão; Candomblé “e” etnobotânica “ou” Candomblé “e” etnobiologia; Candomblé “e” plantas “ou” Candomblé “e” plantas medicinais “ou” Candomblé “e” folhas; Candomblé “e” Mata Atlântica; religiões de matriz africana “e” Santa Catarina, religiões de matriz africana “e” plantas medicinais, religiões de matriz africana “e” Mata Atlântica, religiões de matriz africana “e” etnobotânica “ou” religiões de matriz africana “e” etnobiologia, Quilombos “e” plantas medicinais, Quilombos “e” etnobotânica “ou” Quilombos “e” etnobiologia.

As combinações foram fundamentais para a obtenção de sínteses que evidenciaram as produções disponíveis sobre a questão da pesquisa, produzindo uma seleção dos estudos mais relevantes, que auxiliaram nas respostas das questões propostas, incluindo a avaliação da via-

bilidade da pesquisa e familiarização do tema com as proposições acadêmicas. Ao pesquisar os termos distintos, usou-se o “e”, buscando encontrar interseções sobre dois ou mais temas. Usou-se o “ou” buscando por sinônimos da temática, visando a recuperação de artigos que apresentassem a soma de um tema e outro. A escolha das bases de dados para a investigação são as que apresentam maior possibilidade para o encontro de respostas das questões da pesquisa, após a verificação de bases bibliográficas utilizadas em revisões, já publicadas com temas similares. Os resultados, aqui apresentados, são relativos à pesquisa realizada entre maio e dezembro de 2020/2021.

Constam deste trabalho apenas os estudos classificados após a leitura dos resumos pelos critérios de elegibilidade da revisão definidos a priori pela pergunta e objetivo da pesquisa, (GALVÃO, 2014). Sendo o critério abordar a Etnobotânica do Candomblé em Santa Catarina (bioma Mata Atlântica), plantas utilizadas pelo Candomblé em Santa Catarina ou plantas da Mata Atlântica usadas pelo Candomblé.

Na segunda etapa da pesquisa aprofundou-se nos métodos, técnicas de coleta e análise de dados em estudos biológicos, etnobotânicos e patrimônio cultural correlacionados à Mata Atlântica e as comunidades tradicionais de matriz africana, em Santa Catarina.

Seleção de artigos

Foram selecionados 101 artigos subdivididos conforme as palavras-chave mostradas na Figura 1, como resultado do primeiro levantamento de produções bibliográficas sobre a temática de forma geral e considerando aspectos sociais e políticos da religião, a partir de 27 palavras chaves individuais e/ou com algumas combinações.

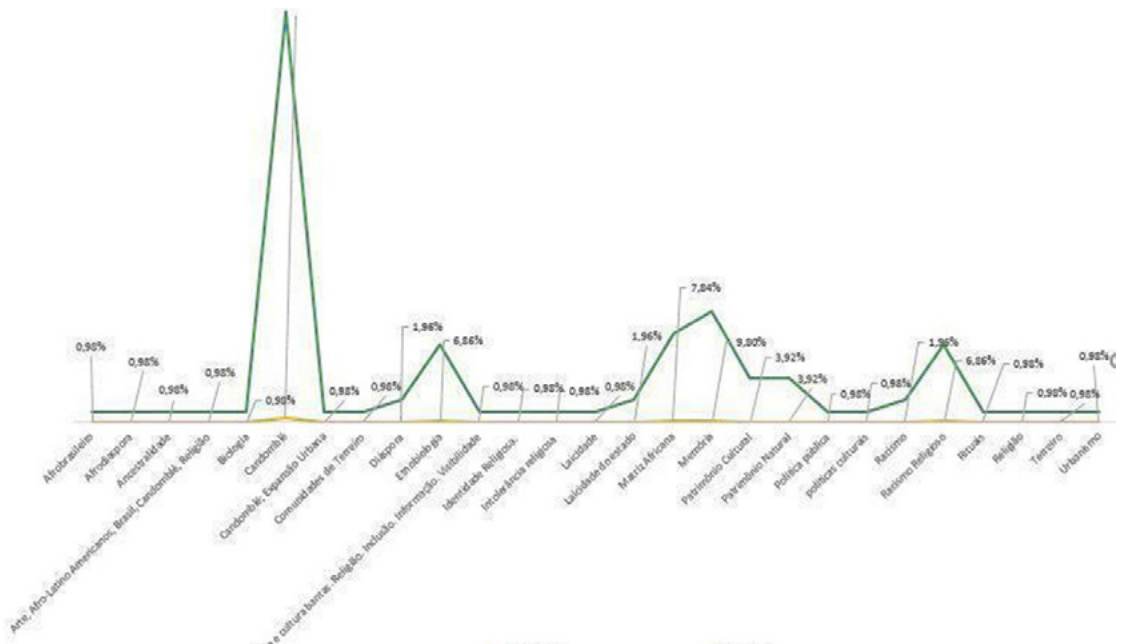
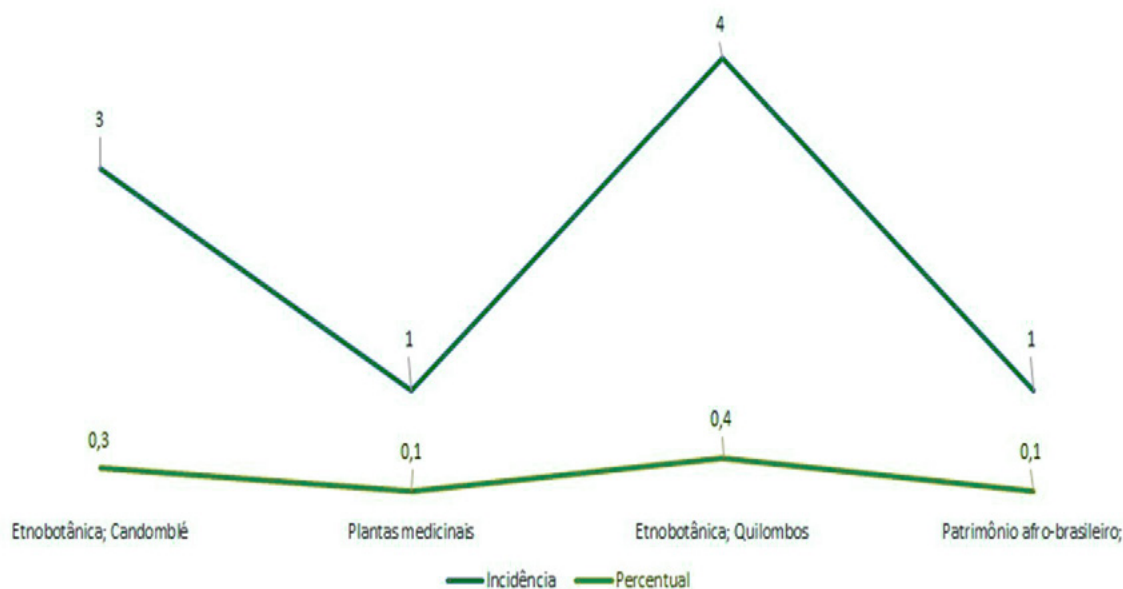


Figura 1: Publicações científicas da primeira etapa divididas por palavras-chaves. Fonte: primária, 2020

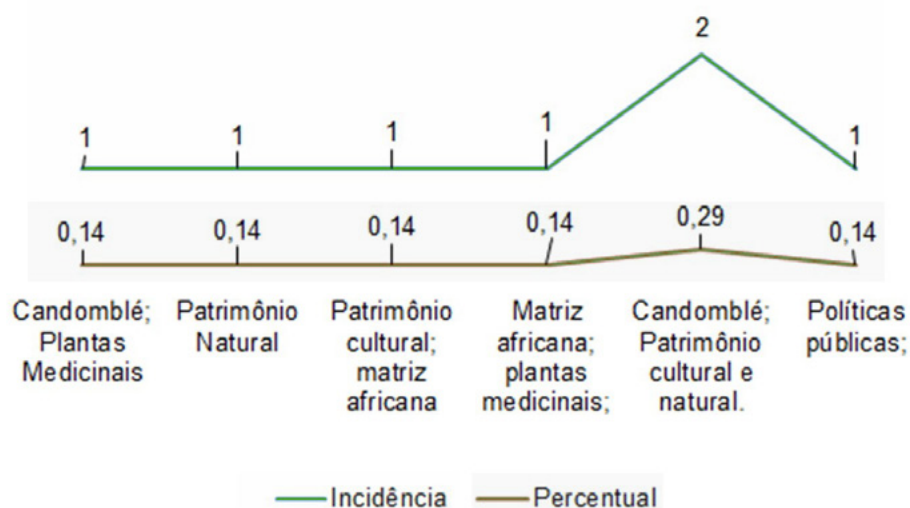
Na segunda etapa, filtrando mais a pesquisa e direcionando-a para área etnobotânica e/ou etnobiológica do Candomblé em Santa Catarina, foram resgatadas 10 publicações, classificadas de acordo com a área de conhecimento e as palavras-chave e/ou combinações como mostra a Figura 2.

Figura 2: Publicações científicas da segunda etapa divididas por palavras-chaves. **Fonte:** primária, 2020



Na terceira etapa, compostas apenas de teses e dissertações das universidades do Estado de Santa Catarina, foram encontradas apenas 7 produções que contribuíram na elaboração das respostas para as questões apresentadas anteriormente. As produções selecionadas foram organizadas de acordo com a temática que abordam conforme a Figura 3.

Figura 3: Publicações científicas da terceira etapa divididas por palavras-chaves **Fonte:** primária, 2020



Analisando o ano de publicação dos trabalhos obtidos a partir da primeira etapa de pesquisa, percebeu-se, um número pequeno de publicações conforme as palavras-chaves entre os anos de 2004 e 2009 e um crescimento entre os anos de 2011 e 2014. O maior número de trabalhos publicados, que potencialmente corroboram na resolução do problema desta pesquisa ocorreu entre 2016 e 2018, sendo 11 trabalhos para cada ano.

Em 2019 observa-se um pequeno número de trabalhos publicados nas três bases de dados pesquisadas, a partir da busca com as palavras-chave indicadas e/ou pela combinação dela.

Resultados

O levantamento das plantas citadas com uso cotidiano nas funções medicinal, litúrgica ou ambas nas comunidades de Candomblé de Santa Catarina, resultou em 49 espécies botânicas (Tabela 1), das quais 23 são para uso medicinal. A identificação foi realizada de acordo com a pesquisa de estado da arte e revisada através da lista de espécies da Flora no Brasil 2020, contida no site do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e do Herbário Virtual de Flora e dos Fungos do INCT (os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia). Também se atentou para as origens destas plantas, verificando a situação delas no Brasil, através da sua classificação entre nativas, naturalizadas ou cultivadas. Destaca-se que as espécies nativas são aquelas cuja ocorrência em determinado local acontece de forma natural, através da dispersão e competência ecológica da própria população. Naturalizadas e cultivadas, são consideradas plantas exóticas, introduzidas em uma localidade que não faz parte de seu habitat natural. As naturalizadas podem tornar-se invasoras da região e são capazes de se reproduzir com eficiência. As cultivadas, segundo Melo Jr. (2021) são aquelas introduzidas pelo homem, capazes de crescer e sobreviver no local por determinado período, mas impossibilitadas de se reproduzir e dispersar naturalmente.

Assim, foi possível observar que 23 espécies são cultivadas no Brasil, 16 naturalizadas e 10 nativas. Quanto às origens, constatou-se que 18,3% são do Mediterrâneo, 14,2% são tanto da Índia quanto do Brasil e/ou Paraguai, 12,2% são da Etiópia e da região da Ásia, 8,1% são do sul do México e América Central, 4,1% são da região da Oceania e da América do Sul, e 2,1% são da África e Oriente Médio, bem como América Central e do Sul, América Latina e Nova Guiné (os 4,1% faltantes são das espécies as quais não foram encontradas informações quanto ao país ou região de origem).

Tabela 1 - Plantas utilizadas no Candomblé com ocorrência no estado de Santa Catarina

Família	Espécie	Nome-popular	Uso	Origem	Ecologia	Ocorrência Brasil
Acanthaceae	<i>Justicia gendarussa</i> Burm. F.	abre caminho ou quebra-demanda	Lit	Índia	Cultivada	AM, PA, AL, BA, CE, PB, DF, ES, RJ, PR, SC
Amaranthaceae	<i>Chenopodium album</i> L.	erva-de-for-migueiro	SI	SI	Naturalizada	BA, DF, GO, MG, RJ, SP, Sul
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	manga	Lit	Índia	Cultivada	Brasil todo
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira-vermelha	Lit/Med	Brasil, Paraguai	Nativa	AM, PA, TO, Nordeste, Centro-oes-te, Sudeste, Sul

Família	Espécie	Nome-popular	Uso	Origem	Ecologia	Ocorrência Brasil
Caraceara	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott.	comigo-ninguém-pode	SI	América do Sul	Nativa	AM, AP, PA, RO, CE, MA, PE, MS
	<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	lírio-da-paz	Lit	Interior da Ásia	Cultivada	BA, SP, PR, SC
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	palmeira-jerivá	Lit	Brasil	Nativa	BA, DF, MS, GO, Sudeste e Sul
Asparagaceae	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	peregum	Lit	Etiópia	Cultivada	SI
	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer ex Hook.	lança-de-Ôgún espada-de-Ôgún ou espada-de-São-Jorge	Lit	Etiópia	Cultivada	SI
	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	espada-de-lansã ou espada-de-Santa-Bárbara	Lit	Etiópia	Cultivada	SI
	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild.) N.E. Br					
Burseraceae	<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	mirra	Lit	Etiópia	Cultivada	SI
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-do-brejo	Lit/Med	Brasil, Paraguai	Nativa	SI
Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	folha-da-fortuna	Lit	Etiópia	Naturalizada	AC, PA, AL, BA, CE, MA, PB, PE, RN, SE, DF, MS, MT, Sudeste, Sul

Rubiaceano	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	Lit	América Latina	Nativa	Brasil todo
Fabaceae	<i>Bauhinia variegata</i> L.	pata-de-vaca	Lit/Med	Índia	Cultivada	AC, PA, AL, BA, CE, PE, PI, SE, GO, DF, MS, Sudeste, Sul
Lamiaceae	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill <i>Lavandula dentata</i> L.	alfazema	Lit	Mediterrâneo		Brasil todo
		lavanda	Lit		Cultivada	SI
		erva-cidreira	Med	Mediterrâneo	Cultivada	PA, RO, BA, PB, PE, Centro-oeste, MG, RJ, SP, Sul
	<i>Melissa officinalis</i> L.					
	<i>Mentha piperita</i> L.	hortelã	Lit/Med	Mediterrâneo	Cultivada	SI
	<i>Mentha spicata</i> L.	alevante	Lit/Med	Índia	Naturalizada	AM, PA, RR, AL, BA, CE, PE, PI, SE, DF, GO, Sudeste, Sul
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	Lit/Med		Cultivada	AM, AP, PA, RO, RR, TO, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste, Sul
	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	anis	Lit	Brasil, Paraguai	Nativa	BA, RJ, SP, MG, Sul
	<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	Lit	Mediterrâneo	Cultivada	
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr			Índia	Cultivada	BA, DF, MG, SP, RJ, Sul
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	boldo-de-Osààlá	Lit/Med			Brasil todo
	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	dólar	Lit	Nova Guiné	Cultivada	
	<i>Salvia rosmarinoides</i> A.St.-Hil. ex Benth.	boldo-chinês	Med	África e Oriente Médio	Cultivada	AC, PA, AL, BA, CE, MA, PB, RN, PE, SE, GO, DF, MT, Sudeste, Sul
	alecrim	Lit/Med	Mediterrâneo	Naturalizada	SI	
					RS	

Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	canela	Lit/Med	Índia	Cultivada	AM, AP, PA, RO, RR, BA, MA, CE, RN, SE, PI, PE, AL, MT, MS, GO, Sudeste, Sul
	<i>Persea americana</i> Mill.	abacateiro	Lit/Med	Sul do México, América Central	Naturalizada	AC, AM, AP, PA, RR, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste, Sul
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	romã	Lit/Med	Ásia menor	Cultivada	SI
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	para-raio ou cinamomo	Lit	Ásia	Naturalizada	AC, AM, PA, RO, RR, Nordeste, Sudeste, Centro-oeste, Sul
Moraceae	<i>Ficus</i> sp. L.	figueira-ga-meleira	Lit/Med	SI	Nativa	Brasil todo
	<i>Morus nigra</i> L.	amora-preta	Lit/Med	China	Cultivada	AM, PA, BA, PB, PE, MS, Sudeste, Sul
Musaceae	<i>Musa</i> sp. L.	bananeira	Lit/Med	Região da Oceania	Naturalizada	Brasil todo
Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> spp. L'Hér.	rucalipto	Lit/Med	Oceania	Naturalizada	Brasil todo
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	Lit/Med	Brasil, Paraguai	Nativa	AL, BA, SE, MS, Sudeste, Sul
	<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	jabuticaba	Lit	Brasil, Paraguai	Nativa	BA, Sudeste, Sul
	<i>Psidium guajava</i> L.	goiabeira	Lit/Med	Brasil, Paraguai	Naturalizada	AC, AM, AL, BA, CE, MA, PE, PI, SE, MT, MS, Sudeste, Sul
Phytolaccaeae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	Lit	América do Sul	Naturalizada	AC, Sul

Plantagina-ceae	<i>Plantago major</i> L.	tansagem	Lit/Med	Mediterrâneo	Naturalizada	AC, PA, BA, CE, PE, PA, RN, Centro-oeste, Sudeste, Sul
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	capim-limão ou erva-cidreira	Lit/Med	Índia	Naturalizada	AC, AM, AP, PA, RO, RR, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste, Sul
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	rosa-amarela	Lit	Ásia menor	Cultivada	PA, TO, BA, MA, PE, PI, Centro-oeste, Sudeste, Sul
		rosa-branca	Lit			
		rosa-vermelha	Lit			
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	Lit	Mediterrâneo	Cultivada	Brasil todo
Solanaceae	<i>Capsicum baccatum</i> L.	pimenta-de-do-de-moça	Lit/Med	Sul do México, América Central	Naturalizada	AP, PA, RO, TO, BA, CE, PB, PE, PI, Centro-oeste, Sudeste, Sul
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta-malagueta	Lit/Med	Sul do México, América Central	Naturalizada	AM, AP, PA, RO, TO, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste, Sul
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	fumo	Lit	Sul do México, América Central	Naturalizada	AM, PA, BA, PB, PE, DF, GO, Sudeste, Sul
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão-roxo	SI	América Central e do Sul	Nativa	Norte, AL, BA, CE, MA, PB, PE, SE, Centro-oeste, Sudeste, Sul
Zingibera-ceae	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	lírio-de-òsun ou lírio-do-brejo	Lit	Interior da Ásia	Naturalizada	AC, AM, AP, PA, RO, TO, AL, PB, BA, PE, SE, Centro-oeste, Sudeste, Sul

Conforme disposto na Tabela 1, as famílias Costaceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Araceae, Anacardiaceae, Euphorbiaceae e Verbanaceae, como plantas de ampla ocorrência no Sul do Brasil, nativas de Mata Atlântica e utilizadas pelo Candomblé. Além também das famílias Amaranthaceae, Crassulaceae, Lamiaceae, Lauraceae, Phytolaccaceae, Plantaginaceae, Poaceae, Solanaceae e Zingiberaceae com espécies naturalizadas no bioma de Mata Atlântica e no Estado de Santa Catarina. Há um número considerável de espécies indicadas pelas comunidades de Candomblé em Santa Catarina com fins terapêuticos, entretanto são também utilizadas em práticas rituais por comunidades tradicionais de matriz africana (CAMARGO, 2014; SARACENI, 2015). Assim, percebe-se os múltiplos usos que espécies de uma mesma família botânica podem ter: tanto de forma medicinal como ritualística, o que coaduna com os resultados das pesquisas referente à utilização de folhas pelo Candomblé (GOMES *et al.*, 2008; PIRES *et al.*, 2009). Abaixo são enfatizadas as famílias de maior representatividade e uso pelas comunidades de matriz africana em Santa Catarina.

Costaceae

Em Santa Catarina ocorrem naturalmente 2 espécies, a *Costus arabicus* e a *Costus spiralis*, ambas conhecidas popularmente por cana-do-brejo ou cana-de-macaco (CASTRO *et al.*, 2011; ANDRÉ, 2020; INCT, 2021). Pertence a essa família o *tètèrègún/Costus spicatus*, indispensável nos ritos de iniciação do Candomblé no qual representa a morte simbólica de uma vida civil e o renascimento para o *Òrìsà*, sendo assim, simbolicamente a folha que simboliza a vida e a morte (BARROS, 2015).

Lamiaceae

No estado de Santa Catarina, há 109 espécies de Lamiaceae recorrentes, compostas de 82 espécies nativas, 17 cultivadas e 10 naturalizadas. É interessante ressaltar também que das espécies nativas há 6 endêmicas, de Santa Catarina, ocorrendo em vegetação de Campos de Altitude, Restinga, Floresta Ciliar e Floresta Ombrófila Densa (JUDD, 2009; HARLEY, 2012; ANTAR *et al.*, 2020; STEVEN, 2020; TRINDADE, 2020). Da família Lamiaceae, são de uso comum no Candomblé: manjeriço - *Ocimum basilicum*, em *yorùbá efínrín kékeré*, alecrim - *Rosmarinus officinalis*, em *yorùbá ewéré*, sálvia - *Salvia officinalis* em *yorùbá ikiriwí*, entre outras que são utilizadas isoladas ou em combinações aromáticas em banhos, sendo consideradas benéficas e atrativas de boa sorte (BARROS, 2015).

Myrtaceae

Em Santa Catarina são 205 espécies, destas 183 são nativas, 18 são cultivadas e 4 são naturalizadas. Dentre as espécies nativas, 7 são da família Myrtaceae que são endêmicas exclusivamente do estado de Santa Catarina (JUDD, 2009; PROENÇA *et al.*, 2020). Destaca-se a goiabeira, *Psidium guajava*, em *yorùbá gúbà/gúfà/gúróbà/gúrófà* da qual se colhe galhos, que são lapidados e utilizados como baquetas (*akidavi*) para tocar os atabaques, são preparados os *àtòrì*, usados por *Òsògìyán*. Também há a utilização das folhas para preparação de banhos de purificação (GOMES, 2008).

Araceae

Em Santa Catarina há 44 espécies, sendo 40 nativas e as demais cultivadas (JUDD, 2009; COELHO *et al*, 2020; INCT, 2021). Das Araceae, destaca-se a *Pistia stratiotes* (alface d'água), popularmente chamada de erva-de-santa-luzia, e no Candomblé conhecida como *ojúóró*. É utilizada isoladamente ou em combinação com outras ervas aromáticas para lavar os búzios e olhos dos *bàbá*, nas cerimônias chamadas *odún ijè* (obrigação de sete anos) simbolizando a busca de uma visão sensorial, nos rituais de iniciação, compõem os *àgbo* (banhos) de purificação (BARROS, 2015).

Anacardiaceae

No estado de Santa Catarina há 16 espécies dessa família, com apenas 2 cultivadas, e as demais nativas segundo dados de (JUDD, 2009; SILVA-LUZ e PIRANI, 2020). Das Anacardiaceae, destacam-se as diferentes variedades de aroeira (aroeira-mansa, aguaraíba, aroeira do-sertão, aroeira-brasileira, aroeira-da-praia, aroeira-do-brejo, aroeira-do-paraná, aroeira-pimenteira, aroeira-vermelha/*àjóbí ffun/àjóbí jinjin*, bálsamo, cabuí, cambuí, corneíba, fruto-de-sabiá, pimenta-rosa), Tamarineiro indica para o povo *yorùbá*, *àjàgbaó* usadas na preparação de banhos de descarrego em pilão preferencialmente de madeira por causa do aumento da temperatura, (não se usa para lavar a cabeça), mas é usada nos rituais de limpeza de ambientes (BARROS, 2015).

Euphorbiaceae

Em Santa Catarina ocorrem naturalmente 109 espécies, 4 são cultivadas e 3 foram naturalizadas, segundo (JUDD, 2009; SILVA, 2020; TRINDADE e LAMEIRA, 2014). Além disso, dentre as espécies nativas há 11 endêmicas de Santa Catarina. Dentre tantas espécies desta família, destaca-se a *Euphorbia milii* - coroa-de-cristo, em *yorùbá*, *ikikigún*, utilizada em rituais dedicados à *Esu* e em alguns casos a *Obàlúwàiyé*; a *Erythrina speciosa*, popularmente conhecida como bico-de-papagaio/mulungu/mulungu-do-litoral/eritrina-candelabro, em *yorùbá odidi* também utilizada nos rituais de *Esu*, as folhas são maceradas em banhos para lavar os assentamentos e as flores são utilizadas como adornos (BARROS, 2015).

Verbenaceae

No estado de Santa Catarina há 57 espécies, sendo 53 nativas, 3 são naturalizadas e 1 é cultivada (JUDD, 2009; CRESPIAM, 2010; SALIMENA *et al*, 2020). Dessa família, destacam-se a *Lantana camara* - camará, cambará, camará-de-chumbo, camará de espinho, em *yorùbá àbitólá/èwòn àdèle/èwòn agogo/ègúngwín*, (VERGER, 1995) são utilizadas em associação a outras folhas para banhos. Outra espécie dessa família de uso bastante comum, pelas comunidades tradicionais de matriz africana, segundo Barros (2015) é a *Verbena officinalis*, popularmente conhecida por verbena-sagrada, utilizadas para banhos que visam atrair boa sorte.

Há, porém, pouco uso das plantas nativas pelas comunidades de Candomblé, considerando que das 49 espécies, encontradas na pesquisa bibliográfica, apenas 8 (16,3%) são nativas e presentes em Santa Catarina, e 16 (32,65%) são espécies naturalizadas no estado, quantidade pouco significativa considerando a ampla diversidade florística da Mata Atlântica: estão registradas mais de 4.800 espécies botânicas nativas, pertencentes ao estado de Santa Catarina. Contudo, existe um maior uso de plantas de comum disponibilidade no mercado, como é o

caso da *Cinnamomum verum* (canela), originária da Índia, mas que é cultivada no Brasil desde o período colonial, entretanto é uma planta com propriedades medicinais (ZANARDO et al., 2014) e no Candomblé, cujo nome é *téemi*, a casca é de uso recorrente nas práticas de defumação de ambientes (GOMES et al., 2008), e as folhas acreditam-se ser do domínio de Osun, sendo utilizadas nos banhos (BARROS, 2015).

Dimensão cultural do uso da flora

As comunidades tradicionais de matriz africana são herdeiras de africanos que trouxeram consigo e disseminaram pelo Brasil um número significativo de espécies vegetais, tais como as do gênero *Ocimum*: *O. americanum* (manjerona), *O. Basilicum* (manjericão), *O. gratissimum* (alfavaca) e *O. minimum* (manjericão-miúdo), cuja origem pode ser africana, como apresenta De Albuquerque (2005). Ainda segundo o autor, há a possibilidade de as espécies citadas terem sido introduzidas ou ter havido uma transmissão cultural (etnoconhecimento), o que significa que apenas os usos e os significados teriam sido introduzidos. Essas diferentes origens justificam tamanha diversidade em questão de espécies e famílias utilizadas pelo Candomblé em Santa Catarina, considerando-se além da introdução de plantas da flora africana, asiática e europeia, a substituição das espécies utilizadas originalmente nos rituais, por semelhantes morfológicamente àquelas presentes nos biomas brasileiros. Barros (2015) aponta a árvore *Ìrókò* (*Milicia excelsa* da família Moraceae), proeminente no cenário africano pelo seu tamanho, que foi substituída pela figueira gameleira (*Ficus* sp.) por ser de porte semelhante, mantendo-se o nome *youùbá* e seu significado.

Em relação à forma de obtenção das plantas utilizadas nos rituais, destaca-se que parte significativa é cultivada nos próprios terreiros, que são as espécies cultivadas e integram a parte denominada “mato” (SANTOS, 2008). Segundo a bibliografia pesquisada, é de consenso que os terreiros de Candomblé apresentam um significativo acervo natural como árvores sagradas, pedras sacralizadas e uma considerável diversidade de plantas que se apresenta como um pano verde composto pela vegetação utilizada nos seus rituais. Entretanto, há espécies que são coletadas nas matas, como é essencialmente o caso das espécies nativas e algumas naturalizadas.

As coletas de folhas, no início da prática do Candomblé no Brasil, eram efetuadas nas florestas, normalmente no entorno dos terreiros. Com o crescimento das cidades e a consequente expansão imobiliária, que vem paulatinamente suprimindo áreas verdes, comunidades de matriz africana têm progressivamente percorrido distâncias cada vez maiores para realizarem seus rituais e as próprias coletas de folhas, pois são elas imprescindíveis para o êxito dos rituais (PACHECO, 2002).

Com o processo de expansão das cidades, os terreiros têm se enquadrado em áreas de mata cada vez mais reduzidas. Sendo assim, os quintais, entendidos como espaço mato, são fundamentais para os rituais de matriz africana, entretanto, considera-se imprescindível o acesso dessas comunidades às áreas de floresta para a manutenção de suas práticas religiosas que se necessitam do contato com a natureza, não só como fonte de recursos, mas como divindade e território de práticas de fé que também contribuem para a diversidade ecológica e a sustentabilidade (ALHO, 2012).

Importante destacar que a folha é um termo genérico para a designação de qualquer item vegetal seja ele raiz, flores, sementes, frutos, cascas de troncos, folha é também um termo genérico no dialeto dos terreiros: mesmo raízes, sementes e cascas de troncos e/ou a planta em sua integralidade. Todos esses elementos compõem um conjunto denominado, pelas comunidades

tradicionais de matriz africana, por “folhas” e essas folhas não são pensadas prioritariamente como parte do sistema alimentar, mas como remédios e/ou encantos (SODRÉ, 1988; SERRA, 2002).

As folhas/ervas/florestas são concebidas como seres espirituais, como divindades que adquiriram fundamental importância para as comunidades tradicionais de matriz africana, que aliam o seu conhecimento dos efeitos terapêuticos com encantamentos proporcionando bem-estar e vínculos (BARROS, 2015). Ressalta-se que a utilização de diferentes espécies vegetais pelas comunidades tradicionais de matriz africana tem a capacidade de conectar saberes, tradições e ancestralidade que os direcionam às ações de valorização e ações de proteção da natureza. Contudo, a degradação da flora pode ter impacto significativo sobre as práticas rituais dessas comunidades, ao passo que o território sagrado representado pelas florestas tem cedido espaço ao crescimento das cidades.

Mecanismos de proteção ao uso tradicional da flora pelas comunidades de matriz africana

Esta pesquisa, mostrou que as informações de cunho etnobotânico se fazem presentes em diversas publicações da área ambiental e oferecem argumentos para a elaboração de políticas públicas que incluam diretamente os saberes das populações tradicionais. Observou-se a importância de se conhecer o potencial etnobotânico e o crescimento contínuo de estudos baseados na referida ciência, que possibilita a propagação de conhecimento sobre grupos de pessoas, suas culturas, incluindo os aspectos religiosos que possibilitam, inclusive, aos universos jurídico e legislativo, a criação e proposição de mecanismos de proteção ambiental e humana fundamentadas nessa ciência.

Os atos normativos internacionais dos quais o Brasil é signatário, assim como aqueles de origem nacional, são importantes marcos legais para a discussão referente ao livre acesso das comunidades de matriz de africana ao território florestal que, mesmo sendo um bem cultural local, estadual, nacional e/ou mundial, é o local de práticas culturais fundamentais para a existência dessa prática de fé, por se tratar do habitat de suas divindades (VERGER, 1995).

A Floresta Atlântica vem sendo alvo de discussões desde a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972 (ONU, 1972). A Convenção apresenta como primeiro referencial a ser discutido o patrimônio cultural e o patrimônio natural, que já em 1972 sofria de degradação tanto por questões naturais causadas pelo tempo, como pelo uso, quase sempre de formas inadequadas (REIGOTA, 2007), e devido à evolução da vida social e econômica, que podem não só alterar, mas também destruir esses bens culturais (CABRAL, 2014).

Seguindo as orientações da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, trechos da Mata Atlântica são indicados como territórios que devem ser protegidos tanto por sua riqueza biológica, como pela história evolutiva dos últimos vestígios de vegetação atlântica remanescentes (UNESCO, 1999). A extensão reconhecida pela UNESCO encontra-se nos Estados de São Paulo e Paraná, sendo assim, Santa Catarina não está no perímetro definido, mas o Estado apresenta importantes remanescentes florestais que estabelecem conexões culturais no âmbito da proteção de ecossistemas e sua biodiversidade (DEAN, 2004; SCHAFFER & PROCHNOW, 2002; FERNANDES, 2006; FARIA E BORTOLOZZI, 2009), bem como territórios de significativa importância para o patrimônio natural e cultural vinculado à sacralização pelas comunidades tradicionais de matriz africana (BARROS, 2015; BORBA, et. al. 2020).

Considerações

Diante do levantamento das produções acadêmicas sobre a etnobotânica, a partir das práticas rituais das comunidades de matriz africana, foi possível identificar a proximidade entre as comunidades estudadas em Santa Catarina, não somente em relação aos seus aspectos socioculturais, mas também em função da relação estabelecida com a Mata Atlântica e a sua diversidade florística. A pesquisa possibilitou a identificação de uma fração da flora de uso ritual utilizada pelas comunidades tradicionais de matriz africana no estado de Santa Catarina, apontando para possibilidades de estudos e práticas que promovam uma reflexão crítica sobre os povos tradicionais de matriz africana e consiga estabelecer o diálogo entre os saberes populares e científicos. Os resultados obtidos evidenciam a vasta diversidade de plantas que integram os conhecimentos dessas comunidades sobre a flora em Santa Catarina, considerando a importância da floresta como recurso e manutenção do aspecto cultural das comunidades tradicionais, assim como os múltiplos usos da flora nos rituais. A etnobotânica, por abarcar a práxis social, oportuniza analisar as perspectivas de remodelação das políticas públicas e jurídicas, no que se refere ao meio ambiente em âmbito mundial e nacional, evidenciando a contribuição das populações tradicionais com seus saberes e fazeres para o desenvolvimento de ações, tanto de conservação como de proteção ambiental. Ela engloba as questões espirituais, o conhecimento detido pelas comunidades, como as propriedades das plantas, forma de uso e cultivo, e a relação dela com a sociedade. Com isso o investimento da comunidade acadêmica nessa área de conhecimento pode, ocasionalmente, ajudar à sociedade através da propagação dessa sabedoria natural, tornando habitual o uso de espécies nativas e/ou introduzidas na região, para fins medicinais. O aprofundamento desse tipo de pesquisa também é uma maneira de catalogar esses saberes tradicionais, para que haja cada vez maior número de espécies aproveitadas pelos praticantes do Candomblé.

Contudo, mesmo trazendo inúmeros benefícios, ainda não há um interesse significativo da comunidade acadêmica-científica para que resultados referentes às espécies nativas da Mata Atlântica e suas propriedades mítica-religiosas sejam desenvolvidos. Ressalta-se ainda, a importância das políticas públicas, tanto no que se refere à educação e apoio à pesquisa e ciência, como às políticas de valorização das comunidades de matriz africana e sua relação com a floresta. Nesse sentido a ONU, por meio da resolução 68/237, proclamou a Década Internacional de Afrodescendentes de 2015 a 2024, tendo como um dos objetivos “promover um maior conhecimento e respeito pelo patrimônio diversificado, a cultura e a contribuição de afrodescendentes para o desenvolvimento das sociedades” (ONU, 2021). Sendo assim, acredita-se que pesquisas sobre o uso da flora ritual, presente na Mata Atlântica da região sul do Brasil, podem contribuir de forma efetiva com a proteção e valorização do patrimônio cultural e do território sagrado, que é imprescindível à manutenção do sistema sociocultural das comunidades de matriz africana.

Referências

- ALHO, CLEBER J. R. Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica. **Estudos Avançados** [online]. 2012, v. 26, n. 74, pp. 151-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000100011>. Epub 23 abr. 2012. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000100011>. Acesso em: 20 de dez. 2021.
- ALVES, K. C. H.; POVH, J. A.; PORTUGUEZ, A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. **Ethnoscintia** v. 4, 2019.
- ANDRÉ, T. Costaceae. In: **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB110631>. Consultado em 29 de maio de 2021.
- ANTAR, G.M; HARLEY, R.M.; Oliveira, A.B.; BUCHOSKI, M.G.; FRANÇA, F.; FARIA, M.T.; SOARES, A.S.; MOTA, M.C.A.; SCHLIEWE, M.A.; PASTORE, J.F.B. Lamiaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB142>. Consultado em 29 de mai. de 2021.
- BARROS, J. F. P. **A floresta sagrada de Ossaim: o segredo das folhas**. São Paulo: Pallas, 2015.
- BORBA, D. M.; MELO JÚNIOR, J. C. F.; MACHADO, G. A dimensão patrimonial da floresta: uma síntese histórica. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 27, n. 2, p. 193-224, 2020. ISSN 1983-036X. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/2575/1650>. Acesso em: 30 de mai. 2021.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 13 de jun. 2020
- BRASIL. **Decreto nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977**. Promulga a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972. Brasília, DF, Disponível em: www2.camara.leg.br. Acesso em: 06 de jun. 2019.
- BRASIL. INPE dá apoio técnico a atualização do Atlas da Mata Atlântica (maio de 2020). Disponível em: http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5450. Acesso em 25 de mai. de 2021.
- BRASIL. **Lei nº 11.428, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2006**. Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- BRASIL. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Alimento: Direito Sagrado**. Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro. Brasília, DF. MDS: 2011, p.15. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/consea/>

publicacoes/comportamento-e-cultura-alimentar/alimento-direito-sagrado-2013-pesquisa-socioeconomica-e-cultural-de-povos-e-comunidades-tradicionais-de-terreiros/3-alimento-direito-sagrado-2013-pesquisa-socioeconomica-e-cultural-de-povos-e-comunidades-tradicionais-de-terreiros.pdf . Acesso em: 15 de mar. 2021.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Mata Atlântica**. Disponível em: https://www.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento.html. Acesso em: 28 de out. 2020.

CABRAL, D. C. **Na Presença da Floresta: Mata Atlântica e História Colonial**. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2014.

CAMARGO, M.T.L.A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.

CASTRO, C. E. F.; MOREIRA, S. R.; CASTRO, C. R.; SOUZA, F. V. D.; LOGES, V.; GONÇALVES, C.; COSTA, M. A. P. C.; MOURA, L. F. Uma avaliação de espécies de Costaceae para uso ornamental. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**. Ed. 17 (1): 63, out. de 2011.

COELHO, M. A. N.; SOARES, M.L.; CALAZANS, L.S.B.; GONÇALVES, E.G.; ANDRADE, I.M.; PONTES, T.A.; SAKURAGUI, C.M.; TEMPONI, L.G.; BUTURI, C.; MAYO, S. Araceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB51>. Consultado em 29 de maio de 2021.

CORREIA, S. S. A importância das nações de Candomblé para a população afro-brasileira em Cachoeira - BA. **ODEERE** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 8, jul. – dezembro de 2019.

CRESPAM, P. C. **Estudos na família Verbenaceae no Rio Grande do Sul, Brasil**. Orientadora: Lilian Auler Mentz. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DE ALBUQUERQUE, U. P. Introdução à etnobotânica. 2 ed. Rio de Janeiro: **Interciência**, 2002.

DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

FARIA, R. M.; BORTOLOZZI, A. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da geografia da saúde no Brasil. In: **R. RA´E GA**, Curitiba: Editora UFPR, n. 17, p. 31-41, 2009.

FERNANDES, A. **Fitogeografia brasileira: províncias florísticas**. Fortaleza: Realce, 2006. 202p.

FERREIRA, N. S. A. AS PESQUISAS DENOMINADAS “ESTADO DA ARTE”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsychSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 de maio. 2021.

SOSMA; INPE. **Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica**. Disponível em: https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Atlas-mata-atlantica_17-18.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

GOMES, H. H. S.; DANTAS, I. C.; CATÃO, M. H. C. de. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de Umbanda e Candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 110-129, 2008.

- GOMEZ, M.; LUCENA, E. A. R. M.; GOMBERG, E. Análise das publicações etnobotânicas sobre plantas medicinais da Mata Atlântica na Região Sul do Estado da Bahia, Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Vol. 10(2), 95-219, 2016.
- HARLEY, R. M. Checklist and key of genera and species of the Lamiaceae of the Brazilian Amazon. **Rodriguésia** 63 (1), p. 129-144. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/JBSZTNxpyGzgQTf8hqvfpf/?lang=en>. Acesso em: 5 de fev. 2021.
- INCT. **Herbário virtual da Flora e dos Fungos**. Disponível em: <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- JUDD, W. S.; CAMPBELL, C. S.; KELLOGG, E. A.; STEVENS, P. F.; DONOGHUE, M. J. **Sistemática Vegetal**: um enfoque filogenético. 3ª ed., 2009.
- MELO JR, J. C. F.; BORBA, D. M.; KOCH, F.; SILVA, A. T. M. Uso da Floresta Atlântica por comunidades tradicionais em Santa Catarina, Brasil. In: COSTA, A. J. S. T.; LIMA, C. S. **Natureza e sociedade**: perspectivas de ação e análise. 1 ed. Curitiba: Editora Bagai, 2021. cap. 15, p. 205-222.
- OLIVEIRA, R. F. M. **Aspectos etnobotânicos e taxonômicos de Araceae Juss. na comunidade de Santa Maria, Baixo Rio Negro - AM**. Orientadora: Dra. Maria de Lourdes da Costa Soares Morais. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Programa de pós-graduação em botânica, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2011.
- ONU. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano**. ONU. Junho de 1972. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/proclima/conferencias-internacionais-sobre-o-meio-ambiente/estocolmo/> Acesso em: 14 de fev. de 2021.
- PACHECO, L. "Estratégias de obtenção de plantas de uso litúrgico em terreiros de candomblé de Salvador." In: SERRA, O.; BANDEIRA, F.; DIAS, J. **O Mundo das Folhas**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002. p. 179-191. p. 211-221.
- PAGNOCCA, T. S. **Uso de plantas terapêuticas em religiões Afro-Brasileiras na ilha de Santa Catarina**. 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos, Algas e Plantas) Programa de Pós-graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- PROENÇA, S. M.; SOUZA, C.; MAZINE, M.; LUCAS, F. Myrtaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB171>. Consultado em 29 de mai. de 2021.
- REIGOTA M. S. "Ciência e sustentabilidade: a contribuição da educação ambiental." **Revista da Avaliação da Educação Superior** 12 (2): 219-231, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v12n2/a03v12n2.pdf>. Acesso em: 12 de dez.2021
- ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, 2015.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte". Diálogos Educacionais**. IFFC: Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.
- SALIMENA, F.R.G.; THODE, V.; MULGURA, M.; O'LEARY, N.; FRANÇA, F.; SILVA, T.R.S. Verbenaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB246>. Acesso em: 29 de mai. de 2021.

- SARACENI, R. **A magia divina das sete ervas sagradas**. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2015.
- SCHAFFER, W. B. & PROCHNOW, M. (orgs.). **A Mata Atlântica e você**: Como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira. Brasília: APREMAVI, 2002.
- SERRA, O. J. T. (Org.); VELOZO, E. (Org.); BANDEIRA, F. (Org.); PACHECO, L. (Org.). **O Mundo das Folhas**. 01. ed. Salvador-Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana / Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002. v. 01. 237 p.
- SILVA, N.C.B.; REGIS, A.C.D.; ALMEIDA, M.Z. Estudo etnobotânico em comunidades remanescentes de quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina – Bahia. **Revista Fitos**, v.7, n.2, p. 99-109, 2012.
- SILVA, O. L. M.; Euphorbiaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB113>. Consultado em 29 de mai. de 2021.
- SILVA-LUZ, C.L.; PIRANI, J.R. Anacardiaceae in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB44>. Consultado em 29 de mai. de 2021.
- SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade**: a formação social negro-brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Editora UFPR.
- TRINDADE, E. L.; GARCIA, F. FERREIRA, R. PASA, M. G. Lamiaceae - Levantamento de dados das plantas medicinais recorrentes no Estado de Mato Grosso presentes no Herbário UFMT Campus de Cuiabá-MT. **Biodiversidade**, V.15, N. 2, p. 183- 190: Cuiabá, 2016.
- TRINDADE, M. J. de S.; LAMEIRA, O. A. Espécies úteis da família Euphorbiaceae no Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 19, n. 4, 2014.
- UNESCO /WORLD HERITAGE CONVENTIONS. **La Lista del Patrimonio Mundial**. Dez, 1999.
- VERGER. P. F. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- VERGER, P. F. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 2002.
- ZANARDO, V. P. S.; RAMBO, D. F.; SCHWANKE; C. H. A. Canela (*Cinnamomum* sp) e seu efeito nos componentes da síndrome metabólica. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 38, Edição Especial, p. 39-48, março/2014.